

LEITURA E LITERATURA PARA JOVENS: ALÉM DOS PERÍODOS LITERÁRIOS

Maria Isabel Bristott¹

Este ensaio é um relato de vida e “fruto” parcial da movimentação literária de Passo Fundo, a qual, desde o seu início, visa à formação, em múltiplas linguagens, de leitores críticos e conscientes do seu papel transformador para um mundo melhor.

A Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, na primeira edição (1983), denominada I Jornada Nacional de Literatura Brasileira, transformou-se num movimento literário constante, com o seu objetivo principal preservado e suas fronteiras ampliadas, sempre mediado pelo livro e pelo encontro entre leitores e escritores. Transcorridos vinte e sete anos, a contar de 1983, os frutos são colhidos, principalmente, pela expressão crescente da percepção-consciência acerca da leitura que a população passo-fundense e regional vem desenvolvendo.

Em agosto de 1983, aluna do sétimo semestre do curso de Letras na UPF, vivi a ansiedade e a euforia do primeiro encontro com os criadores dos textos lidos. Passados tantos anos, as lembranças do encontro, em especial, com Fernando Sabino, são atualizadas. Lembro o momento do autógrafo nas obras lidas *O encontro marcado* e *O menino no espelho*. O texto do Fernando Sabino ajudou-me a sentir e a compreender, um pouco, a alegria do encontro e a tristeza da partida, na juventude.

Já no papel de professora de literatura do Ensino Médio, o compromisso de compartilhar as leituras com os alunos e incluí-los na movimentação literária de Passo Fundo estava instalado. Na nona edição, “2001: uma jornada na galáxia de Gutenberg – da prensa ao e-book”, entre os escritores, críticos e professores, esteve presente Antonio Skármeta. Na oportunidade, li com os alunos *O carteiro e o poeta*, discutindo a obra, participando dos seminários, e, a partir daí, a narrativa tornou-se parte integrante do meu plano de trabalho do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis, da cidade de Passo Fundo.

A seguir, destaco três motivos para a inclusão dessa leitura na escola. O primeiro motivo é que *O carteiro e o poeta* simboliza uma espécie de porta de entrada ao labirinto do mundo da leitura, por possuir uma linguagem acessível e, ao mesmo tempo,

¹ Universidade de Passo Fundo (UPF)

profunda. Além disso, favorece o trabalho pedagógico no início do 3º ano do Ensino Médio, uma vez que os fundamentos teóricos e os conceitos básicos da leitura e da literatura podem ser revisitados e contextualizados com base na referida obra.

O segundo motivo é que essa narrativa traz a possibilidade de os jovens, com 17 e 18 anos, identificarem-se com a história de vida do protagonista, o qual vive, igualmente, os conflitos da juventude. Jouve considera, nesse sentido, que,

Na maioria das vezes, é o jogo das identificações que permite o “desenvolvimento” do leitor [...].

Parece que, por meio da identificação com as personagens, é de fato a verdade de sua própria vida que o leitor está em condição de apreender: a leitura, ao fazê-lo atingir uma percepção mais clara, permite-lhe entender-se melhor. (JOUVE, 2002:135-6)

O terceiro motivo refere-se à representação da escola e do professor na vida dos alunos. Na escola, a sala de aula é um espaço tanto singular quanto plural. Ao mesmo tempo em que cada um se constitui, constituem-se, também, o outro e a coletividade.

Se for dada aos jovens a oportunidade de narrar suas histórias e suas expectativas, é possível reconhecer o que trazem dentro de si, suas ansiedades e seus conflitos. Ao ouvi-los, é possível perceber que os dilemas diante das escolhas são constantes. Eles mencionam que têm de pensar no futuro, fazer vestibular, trabalhar, namorar e passar de ano. Falam, ainda, que não gostam de ler, que não entendem os livros de literatura, que há muitas palavras difíceis, que já esqueceram tudo o que aprenderam nos anos anteriores...

Pelos motivos acima mencionados, encontro na obra *O carteiro e o poeta*, de Antonio Skármeta, uma fonte valiosa para trabalhar a leitura e a literatura com os jovens, para além dos períodos literários. Agora, apresento alguns fragmentos da narrativa, a fim de corroborar as razões anteriormente expostas.

No primeiro parágrafo, o narrador anuncia que:

[...] dois motivos tão felizes quanto triviais levaram Mario Jiménez a mudar de ofício. Primeiro seu desafeto pelas lides da pesca que o tiravam da cama antes do amanhecer e, quase sempre, quando sonhava com amores audazes protagonizados por heroínas tão abrasadoras como as que via na tela da sessão-contínua de San Antonio. (SKÁRMETA, 1991:11)

Logo depois, o pai do protagonista diz ao filho: “Vai procurar um trabalho” (1991:12). Como acontece com a maioria dos jovens de 17 anos, o autor descreve o movimento familiar – do pai – que desafia o filho para o crescimento. A conquista do

primeiro emprego – de carteiro – e dos primeiros salários de Mario inaugura um novo espaço para realização dos seus desejos e abre caminho para a sua autonomia, diferenciando-se do ofício do pai. Avançando na narrativa, o narrador conta que:

Foi num daqueles dias de vagabundeio desconsolado que descobriu um aviso na janela da agência do correio. [...]
Com o primeiro salário [...] adquiriu os seguintes bens: uma garrafa de vinho [...]; uma entrada para o cinema [...]; um pentinho de aço alemão no mercado de San Antonio, de um camelô [...]; e a edição Losada das *Odes elementares*, de autoria de seu cliente e vizinho, Pablo Neruda. (1991:16)

[...] quando adveio o segundo salário num envelope fiscal, adquiriu, com um gesto que lhe pareceu consequente, *Novas odes elementares*, edições Losada. (Idem. Ibidem:17)

A identificação dos jovens leitores com o personagem principal suscita a projeção dos conflitos e dos desejos que comumente vivenciam. Porém, é na continuidade da narrativa que o processo identificatório intensifica-se e alcança dimensões mais subjetivas, representadas pela relação de amizade que o personagem principal desenvolve com o poeta Pablo Neruda.

Antonio Skármeta, na novela, mostra como Pablo Neruda, “alguém que sabe”, exerce esse papel quando auxilia Mario, “alguém que não sabe”, a decifrar os signos e os próprios desejos. Ele se empresta a Mario e auxilia-o para que este descubra o seu caminho, como se pode perceber no diálogo abaixo:

[...]
- Porra, gostaria tanto de ser poeta!
- Rapaz! Todos são poetas no Chile. É mais original que você continue sendo carteiro. [...].
- É que se eu fosse poeta podia dizer o que quero.
- E o que você quer dizer?
- Bom, justamente o problema é este. Como não sou poeta, não posso dizer.
[...]
- E você fica sentado para pensar? Se quer ser poeta, comece por pensar caminhando. (Id. Ibid:22)

Enquanto os laços de amizade entre os personagens se fortalecem e os sentimentos encontram expressão, declara o carteiro ao poeta:

- Dom Pablo – declarou solene. – Estou apaixonado.
[...] O senhor é a única pessoa na aldeia que pode me ajudar. Todos os outros são pescadores que não sabem dizer nada. (1991: 33)
[...]
- Agora vamos até a estalagem conhecer essa famosa Beatriz Gonzáles. (Id.Ibid:38)

A fim de demonstrar esse processo identificatório, apresento, a seguir, os depoimentos de alguns alunos acerca da narrativa trabalhada, nos quais se observa a presença da identificação plena com os personagens e com os conflitos da juventude:

A obra *O carteiro e o poeta* faz com [sic] as pessoas reflitam muito na [sic] amizade leal que Mario e Pablo conquistaram, e ao [sic] amor de Mario por Beatriz onde [sic] Mario aprendeu muitas metáforas, tudo para conquistar a moça, e a garra que Mario tinha em aprender a falar direito, em ser alguém inteligente e crescer para o mundo. (M.C.)

Os aspectos da obra que chamou [sic] a minha atenção foram a conquista de Beatriz por Mario. O carteiro busca ajuda do poeta para poder se expressar como poeta, para aprender metáforas, tudo para conquistar Beatriz. Chamei minha atenção porque seu objetivo era Beatriz, mas depois ele vê que a poesia que aprendeu não está relacionada só ao amor por Beatriz, e sim ao mundo. A poesia está em tudo. Sinceramente, eu não gostava de poesia, era algo que passava sem me trazer nenhum benefício. Mas lendo o livro, percebi a intensidade da poesia: ler o mundo com sensibilidade, além do que os nossos olhos se limitam a ver. (M.C. de M.)

O que mais me encantou no livro é a vontade de Mario em querer mudar, fazer outra coisa da vida, crescer. Ele não queria morrer burro, sem ter algo bom para lembrar. Viu em Pablo Neruda um exemplo de homem, querer ser como ele ajudou mudar a maneira de ver a vida e aprendeu o mundo maravilhoso da poesia. O que mais me emociona e contagia é o poder de uma amizade. Como pode ser tão importante a ponto de mudar a vida de alguém!? (B. T.)

A história desencadeou alguns pensamentos e revisão dos meus pontos de vista. A amizade fiel de Jiménez e Neruda tem a dedicação do carteiro para com o poeta, percebi que os laços e princípios são preponderantes em uma relação, seja ela de amor carnal, de homem-mulher, como a de Jiménez e Beatriz, ou de amizade como a de Jiménez e Neruda. Outro ponto que me deixou curioso foi o processo político da época. O final da obra *O carteiro e o poeta* me deixou um gosto de quero mais, de que poderia seguir a história. (L. A. do P.)

É com as palavras de Marina Colasanti, extraídas do ensaio “O mapa da mina, ou pensando na formação de leitores”, que finalizo este texto: “Os seres humanos precisam narrar. Não para se distrair, não como forma lúdica de relacionamento, mas para alimentar e estruturar o espírito, assim como a comida alimenta e estrutura o corpo”. (2004:210)

Se na minha história de vida encontrei, na leitura, na literatura e na psicanálise, uma aliança para o meu trabalho, registrar e compartilhar as ações realizadas é uma necessidade, assim como a de estar aqui.

Referências

COLASANTI, Marina. O mapa da mina, ou pensando na formação de leitores. In: _____. *Fragatas para terras distantes*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

COLÉGIO Estadual Joaquim Fagundes dos Reis. Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil. Registros de alunos (3º ano do Ensino Médio diurno).

JOUBE, Vicent. *A leitura*. São Paulo: UNESP, 2002.

SKÁRMETA, Antonio. *O carteiro e o poeta*. Rio de Janeiro: Record, 1999.